

A CLASSIFICAÇÃO COMO CUIDADO: LINGUAGEM, POESIA E BOTÂNICA

La clasificación como cuidado:
lenguaje, poesía y botánica

Classification as Care:
Language, Poetry, and Botany

Claudete Daflon*

RESUMO: Sob a premissa de que a dimensão colonial da botânica está atrelada ao papel desempenhado pela linguagem em sistemas destinados à unificação e à homogeneização, buscou-se explorar os vínculos entre classificar, enquanto procedimento de dissociação e compartimentalização, e modelos de nomeação baseados na objetificação e na hierarquização. Para tanto, propôs-se discutir como a linguagem poética, no contexto da poesia contemporânea latino-americana, permite revisitar práticas classificatórias e taxonômicas tornadas hegemônicas a partir do século XVIII. A leitura crítica de *El sueño de toda célula*, publicação de 2018 da poeta mexicana Maricela Guerrero, junto à contribuição da história da ciência, da filosofia e da sociologia, levou à conclusão de que a ênfase na materialidade e nas conexões formula uma prática da classificação como experiência do cuidado, possível graças à construção textual de redes em que classificar, como experiência situada, permite formas de proximidade contrárias a práticas de subtração e isolamento.

PALAVRAS-CHAVE: poesia latino-americana contemporânea, botânica, classificação, linguagem, colonialismo.

RESUMEN: Bajo la premisa de que la dimensión colonial de la botánica está vinculada al rol desarrollado por el lenguaje en sistemas destinados a la unificación y la homogeneización, se buscó explorar los vínculos entre clasificar, como procedimiento de disociación y compartimentación, y los modelos de nombramiento basados en la objetivación y la jerarquización. Para ello, se propuso discutir cómo el lenguaje poético, en el contexto de la poesía contemporánea latinoamericana, permite revisitar prácticas clasificatorias y taxonómicas que se volvieron hegemónicas a partir del siglo XVIII. La lectura crítica de *El sueño de toda célula*, publicación de 2018 de la poeta mexicana Maricela Guerrero, junto con las contribuciones de la historia de la ciencia, la filosofía y la

* Doutorado. Universidade Federal Fluminense (UFF) / Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Niterói, Brasil. Correo electrónico: claudetedaflon@id.uff.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0392-8811>



sociología, llevó a la conclusión de que el énfasis en la materialidad y en las conexiones formula una práctica de la clasificación como experiencia del cuidado, posible gracias a la construcción textual de redes en las que clasificar, como experiencia 'situada', permite formas de proximidad contrarias a las prácticas de sustracción y aislamiento.

PALABRAS CLAVE: poesía latinoamericana contemporánea, botánica, clasificación, lenguaje, colonialismo.

ABSTRACT: Under the premise that the colonial dimension of botany is tied to the role played by language in systems aimed at unification and homogenization, this work seeks to explore the links between classification –as a procedure of dissociation and compartmentalization– and naming models based on objectification and hierarchy. To this end, it proposes to discuss how poetic language, within the context of contemporary Latin American poetry, allows for a revisitation of classificatory and taxonomic practices that became hegemonic from the eighteenth century onward. The critical reading of *El sueño de toda célula*, a 2018 publication by Mexican poet Maricela Guerrero, alongside contributions from the history of science, philosophy, and sociology, leads to the conclusion that an emphasis on materiality and connections formulates a classification practice as an experience of care, made possible through the textual construction of networks in which classifying, as a situated experience, allows for forms of closeness that counter practices of subtraction and isolation.

KEYWORDS: Contemporary Latin American Poetry, Botany, Classification, Language, Colonialism.

Recibido: 18.12.25. Aceptado: 06.04.26.

Mato são gramáticas.
Verde visto do alto (Pereira, 2003, p. 115).

Se falássemos a língua dos botânicos

AO ABORDAR O SURGIMENTO da nomenclatura botânica, a historiadora Londa Schiebinger (2007) menciona que alguns cientistas avaliam a difusão do sistema de Carl Linneu como uma forma de “imperialismo linguístico”, isto é: “... a politics of naming that accompanied and promoted European Global expansion and colonization.”¹ (Schiebinger, 2007, p. 195). Para Schiebinger (2007), a relação entre a colonização e a nomeação de espécies vegetais está manifesta em práticas de apagamento de nomes e línguas. Esse é o caso das medidas que visavam à separação de africanos escravizados de seus núcleos familiares e linguísticos, bem como das que

¹ “uma política de nomeação que acompanhou e promoveu a expansão europeia global e a colonização”. (Tradução da autora)

negavam o direito à autodenominação: a escolha do nome era privilégio dos senhores, que conferiam aos que fossem sua “propriedade” um prenome (sem sobrenome), um apelido (frequentemente relacionado a algum aspecto físico do indivíduo) ou nomes extravagantes (Schiebinger, 2007, pp. 195-196). Embora a autora não chegue a tecer comentários a esse respeito, vale observar que a extravagância ou não de um nome depende ainda da definição de quais palavras e línguas seriam adequadas à designação de seres humanos, estes últimos equalizados ao homem branco proprietário de terras e a seus descendentes. Em certa medida essa distinção valorativa se encontra associada, de um lado, à objetificação e desumanização do escravizado e, de outro, ao estabelecimento de hierarquias como língua civilizada e bárbara.

Ainda em sua análise, a historiadora considera o papel da publicação de *Crítica botânica* em 1737, tendo em vista a apresentação de um conjunto de regras para nomeação das plantas. As orientações formuladas pelo naturalista sueco incluíam o banimento do emprego das línguas europeias (com exceção do grego e do latim), bem como de nomes religiosos, estrangeiros e aqueles evocativos dos usos dados às plantas. No desenvolvimento da nomenclatura linneana, o domínio do latim como língua franca significou, em certo sentido, a atribuição de uma origem comum ao mundo: a sociedade greco-romana. O caráter inaugural da nomeação possibilitava instituir a realidade natural a partir do que se pretendeu definir como a matriz da civilização ocidental, pois, ainda que Linneu conhecesse a extensão e a antiguidade dos conhecimentos de “asiáticos” e “árabes” sobre as plantas, “he explicitly chose as the ‘Father of Botany’ in this regard the ancient Greeks and Romans”² (Schiebinger, 2007, p. 200). Quando, em sua *Filosofia botânica*, de 1751, Linneu busca ratificar as regras já expostas em *Crítica botânica*, fica clara a preocupação com uma paternidade que, por meio da autoridade do naturalista, viesse a corrigir desvios representados pelas línguas e culturas “bárbaras”: “We adopt barbarous names as if they were new-born, provided that we remake the words that have to be excluded, forming them from Greek or Latin”³ (Linnaeus, 1751/2003, p. 176). A

² “ele explicitamente escolheu como o ‘Pai da Botânica’ nesse aspecto os antigos gregos e romanos”. (Tradução da autora)

³ “Adotamos nomes bárbaros como se fossem recém-nascidos, desde que refaçamos as palavras que precisam ser excluídas, formando-as a partir do grego ou do latim”. (Tradução da autora)

nomeação das plantas assume, desse modo, uma função genealógica que se aplica tanto à ciência e ao cientista quanto às espécies submetidas a estudo.

Como Londa Schiebinger (2007) lembra, além da renúncia a línguas vernáculas ou da rejeição às línguas “bárbaras”, o naturalista investiu em uma nomeação abstrata com homenagens a grandes botânicos e grandes homens, num movimento em que a nomenclatura proposta passa a orientar uma determinada história da ciência: “It is remarkable that Linnaeus’ system itself retold –to the exclusion of other histories– the story of elite European botany.”⁴ (Schiebinger, 2007, p. 20). A ênfase nos grandes homens também é a aposta numa história fundada em feitos de indivíduos excepcionais, ou seja, homens brancos, cristãos e europeus. Ao mesmo tempo, outra historiadora, Lisbet Koerner (1999), enfatiza a preocupação de Linneu em difundir seu sistema de nomeação, como revela a aposta em formatos que favorecessem a difusão e a apreensão do texto: “Linnaeus insisted that *Philosophia botanica* (1751) be so cheap that students could afford it. He labored on its language, a straightforward, unornamented Latin that incoming university students could read⁵” (Koerner, 1999, p. 40). Havia uma clara compreensão por parte do naturalista sueco que o sucesso da proposta apresentada dependia da sua popularização e disseminação. Por outro lado, Koerner entende que essa discussão é indissociável do reconhecimento do papel desempenhado por aspectos políticos e econômicos na criação de um modelo de nomeação por Linneu:

Looking at how Linnaeus introduced binomials for flora and fauna between 1748 and 1752, it argues that he first used these brief, stable, and arbitrary species names as a stopgap measure, to make his students into a more efficient support staff in his project of national self-sufficiency⁶. (Koerner, 1999, p. 6-7)

⁴ “É notável que o próprio sistema de Lineu recontasse – à exclusão de outras histórias – a narrativa da botânica europeia de elite”. (Tradução da autora)

⁵ “Linneu insistiu que a *Philosophia botanica* (1751) fosse suficientemente barata, que os estudantes pudessem comprá-la. Ele trabalhou em sua linguagem, um latim direto e sem adornos que ingressantes na universidade pudessem ler”. (Tradução da autora)

⁶ “Analisando como Linneu introduziu a nomenclatura binomial para a flora e a fauna entre 1748 e 1752, defende-se que ele usou inicialmente esses breves, estáveis e arbitrários nomes de espécies como uma medida provisória, para transformar seus alunos em uma equipe de apoio mais eficiente em seu projeto de autossuficiência nacional”. (Tradução da autora)

A elaboração de um sistema natural, na visão da pesquisadora, esteve associada a um projeto de aclimação de plantas vindas de diferentes regiões do mundo a fim de assegurar a autonomia e o desenvolvimento econômico do país natal do naturalista, medida que pressuponha um viés de individualização e isolamento, tanto das nações, quanto das espécies que deveriam ser deslocadas para criar um império transoceânico dentro de fronteiras nacionais. Para cumprir esse propósito, era necessário formar estudantes aptos a viajar e proceder à coleta, classificação e armazenamento dos vegetais encontrados com a intenção de que, ao final, se pudesse “to replicate within the homeland what was harvested and husbanded under the more favorable conditions of abroad”⁷ (Koerner, 1999, p. 7). Atenta aos modos como Linneu, em diferentes momentos históricos, surge na cena política sueca, a autora estreita a relação entre a prática como naturalista e as convicções políticas e econômicas:

... around 1900, Swedish conservatives recast him as a national icon who recaptured in his science the military victories won by Sweden’s famous warrior kings. In turn, this glorified –and reactionary– portrayal of Linnaeus helps explain why, after the advent in 1932 of a Social Democratic government, he dwindled into obscurity in his most beloved fatherland⁸. (Koerner, 1999, p. 8)

Estudos de história da ciência, como os das pesquisadoras citadas, expõem o caráter não natural da hegemonia alcançada por um modelo botânico criado na Europa do século XVIII, o que contribui para o conhecimento dos meandros da formação das ciências no ambiente da modernidade europeia, em especial no que se refere à articulação com aspectos políticos e socioeconômicos. Como alerta Schienbinger, a prática de nomeação consolidada a partir do Setecentos se apresentou, diferentemente do que se buscou difundir, como “culturally specific and highly unusual”⁹

⁷ “replicar dentro da pátria o que foi colhido e cultivado sob as condições mais favoráveis do exterior”. (Tradução da autora)

⁸ “... por volta de 1900, os conservadores suecos o remodelaram como um ícone nacional que havia restituído, em sua ciência, as vitórias militares conquistadas pelos famosos reis guerreiros da Suécia. Por sua vez, essa representação glorificada –e reacionária– de Lineu ajuda a explicar por que, após a ascensão de um governo social-democrata em 1932, ele caiu em esquecimento na sua “pátria mais amada”. (Tradução da autora)

⁹ “culturalmente específica e altamente incomum”. (Tradução da autora)

(Schienbinger, 2007, p. 198). O modelo de Linneu não foi o único, num contexto em que propostas de sistematização e padronização respondiam às dificuldades derivadas da coexistência de diversas nomenclaturas e de um número cada vez maior de novas espécies. Em sua discussão sobre como o sistema do naturalista sueco foi convertido em gesto inaugural da botânica apenas no início do século XX em consonância com o poder imperial europeu, a historiadora chega à conclusão de que o grande acontecimento do início da era moderna teria sido a invenção da nomenclatura binomial (Schienbinger, 2007, p. 198-200).

A esse respeito, o sociólogo Zaheer Baber (2016), em sua reflexão sobre a história natural e a situação da Índia sob dominação britânica, declara que:

... the social and scientific experiments of Linnaeus, fuelled by a fusion of a imperial, economic, political and religious interests yielded many intellectual fruits. The eighteenth-century colonial projects and the networks of power that connected Europe to non-European populations and territories played a significant role in the eventual emergence and consolidation of botany as a distinct field of inquiry with its own institutional and intellectual norms, rituals y hierarchies.¹⁰ (p. 17)

Se a consolidação e a difusão de formas de estudo das plantas, nas origens da botânica, são indissociáveis dos aspectos econômicos e políticos envolvidos na constituição da modernidade e do colonialismo, são dignos de nota posicionamentos e estratégias que visaram à determinação do que passaria a vigorar como prática científica. Ao lado da preocupação de Linneu com o seu legado e as medidas que tomou para assegurar sua permanência, como o trabalho de Schienbinger (2007) revela, os efeitos do Congresso de 1905 em Vienna, quando se ratifica o Latim como a língua apropriada à botânica e se mantém a prioridade de publicação como critério de autoria (isto é, o autor é aquele que publica primeiro), permitiram reforçar a predominância, no contexto da botânica, de homens europeus em detrimento de “collectors, gardeners, informants, and others who

¹⁰ “... os experimentos sociais e científicos de Linneu, impulsionados pela fusão de interesses imperiais, econômicos, políticos e religiosos, renderam muitos frutos intelectuais. Os projetos coloniais do século XVIII e as redes de poder que conectavam a Europa a populações e territórios não europeus desempenharam um papel significativo no eventual surgimento e consolidação da botânica como um campo de investigação distinto, com suas próprias normas, rituais e hierarquias institucionais e intelectuais”. (Tradução da autora)

quietly served the cause of botany”¹¹ (Schienbinger, 2007, p. 206). Mulheres, negros, indígenas, camponeses, trabalhadores são, assim, submersos silenciosamente na língua dos botânicos. Há, porém, algo ainda a se dizer sobre as implicações das dimensões linguísticas da botânica na dominação colonial, especialmente ao se considerarem as ressonâncias sobre populações racializadas.

Ao se voltar para as conexões entre a biologização da categoria de raça e o desenvolvimento da taxonomia por naturalistas como François Bernier (1625-1688), Leclerc de Buffon (1707-1788) e Linneu, o pesquisador Thierry Hoquet expõe, de saída, a compreensão de que, nos sistemas de classificação que estiveram em disputa na História Natural, se podem localizar aspectos que serão importantes para a racialização do humano (Hoquet, 2014, p. 17).

Mauricio Nieto (s.d.), por sua vez, observa que, com o sistema natural de Linneu, definir passou a ser uma operação de seleção daquilo que merece ser visto, o que explica a redução das plantas a determinadas características, mais particularmente àquelas que se instituíram como relevantes. Sob esse prisma, o modelo classificatório passa a orientar a dissecação dos espécimes e não o inverso, o que fundamenta um esquema visual caracterizado pela construção de visibilidades ideais e maximizadas, nas quais até mesmo detalhes inacessíveis ao olhar podem ser apreendidos pela exposição direta e ampliada de estruturas internas. Entendemos, portanto, que a atenção dada aos órgãos sexuais das plantas, convertidos em base do sistema de Linneu, exigiu a incorporação de procedimentos sistemáticos de subtração, sem os quais não seria possível a transferência e aclimação de espécies. O corte que assegurou a extração, desligando definitivamente o espécime do seu lugar de origem, também tornou possível a superexposição dos corpos que passaram a viver em estado de suspensão, condenados às pranchas dos livros de botânica, o que nos autoriza a concluir que o subtrair, como *modus operandi*, produz ausências como as que estão explicitadas no modelo linguístico que prevaleceu para a designação das espécies vegetais. Diante do ocultamento da rede de saberes e trabalho subjacente aos usos e ao conhecimento das plantas, fica patente como a mutilação e a subtração se converteram em princípios de uma prática em

¹¹ “coletores, jardineiros, informantes e outros que serviram discretamente à causa da botânica”. (Tradução da autora)

que a atribuição de nomes se consolidou como ação desvinculadora – deixava-se de fora um conjunto complexo de signos e realidades do qual a espécie fazia parte. Essa percepção vai ao encontro do que o pesquisador colombiano propõe:

Dibujar y describir siguiendo los criterios linneanos supone otra tarea de la mayor importancia: dar un nombre a la planta. Los nombres locales de plantas conocidas en América no solo fueron reemplazados, sino que los nuevos nombres no tenían nada que ver con criterios locales.¹² (Nieto, s.d.)

Se classificar e nomear encontram-se intrinsecamente associados, conceber a existência de uma língua dos botânicos implica não apenas identificar procedimentos instaurados desde o século XVIII, mas também indagar o que seria essa língua. Para tanto, é preciso lidar com formas de subtração e corte sobre as quais se fundou a experiência colonial. Nesse sentido, ainda cabe perguntar se praticamos ou não essa língua.

Uma linguagem celular

Em 2018, Maricela Guerrero publica, no México, o livro de poesia *El sueño de toda célula* (O sonho de toda célula). Com uma estrutura que simula os agrupamentos de espécies por reinos, em associação a formas linguísticas, abordagens conceituais e metodológicas vinculadas à botânica, a obra incorpora ao tecido poético aspectos do discurso científico e da taxonomia. Assim, junto a textos como “Reacciones metabólicas” (Reações metabólicas) e “Sobre el método de recolección” (Sobre o método de coleta), encontramos espécies e espécimes vegetais, designados em vernáculo ou latim, em convivência com memórias e sensações subjetivas, histórias e sonhos.

O livro abre com a seção “Maestra Olmedo” (Professora Olmedo), que funciona como ponto de partida e início de um percurso que nos leva em seguida à seção “Reino Plantae” (Reino Vegetal), nesta última a interven-

¹² “Desenhar e escrever seguindo os critérios linneanos supõe outra tarefa da maior importância: dar um nome à planta. Os nomes locais dados às plantas conhecidas da América não só foram substituídos, mas também os novos nomes não tinham nenhuma relação com critérios locais”. (Tradução da autora)

ção do cuidado anunciada na prática da professora de ciências, presença feminina que estimula a exploração sensorial em atenção ao biológico, se sobressai e se ratifica. Na sequência, encontramos uma nova unidade organizativa: “Lobos: lecciones de cuidado” (Lobos: lições de cuidado). Aprofunda-se a experiência do cuidado ao mesmo tempo que se avança na incorporação e processamento poético de formas de denominação e de descrição alusivas à botânica. Mas é, no título dado à última seção, que se formaliza na estrutura geral do livro o que já estava evidente ao longo da leitura: a linguagem como elemento central – “*Reino Linguae*” (Reino Linguístico).

A memória afetiva dos primeiros aprendizados com uma professora, ela mesma feita de árvores, assegura a dubiedade de que parte *El sueño de toda célula*: o que se separou como reinos isolados subsiste em sistemas comunicacionais definidos por linguagens e realidades em interação. O nome da professora – Olmedo – faz referência a uma espécie de árvore, o olmo, cujo coletivo recebe a designação de “olmedo”, já o aspecto pedagógico atribuído à personagem encontra-se explícito no título de “maestra”, como designação dada, na língua espanhola, a docentes que atuam nos primeiros anos de formação e a sábios. A presença de Olmedo é alcançada por sua atualização, a um só tempo, física e imaginada: a voz retomada como memória de preleções e cantos; o ambiente do laboratório e da sala de aula; a constituição vegetal da mulher. A construção da memória por meio da coleta, isolamento e fixação – da planta exsicada ao animal taxidermizado –, procedimentos também da linguagem, esbarra na experiência mnemônica oferecida pelo sensorial e afetivo. Há, nesse sentido, uma tensão entre uma metodologia que busca estabilizar o conhecimento e as que atravessam o conhecer e o recordar sinestésico, ainda que as práticas envolvidas não se eliminem mutuamente.

De fato, no texto de Maricela Guerrero, se observa um intercâmbio multidirecional que expõe a incompletude de um discurso que se quer total, único e definitivo. A voz da professora, seu canto e a canção popularizada por Carmem Miranda se entremeiam à orientação de anotar nomes e formas: assim, a recordação do eu poético envolve a elaboração de sensações guardadas, sonhos e histórias tanto quanto das classificações dos manuais de biologia. A essa altura aparecem interpostas a voz da *maestra* e a da poeta, visto que, ao expor o que se recorda, o eu poético termina por deslocar sem transição o “yo recuerdo” (“eu lembro”) para o emprego do verbo

na terceira pessoa do singular que se desdobra uma vez mais na primeira pessoa, o que parece funcionar como um tecido que se estende entre os sujeitos que lembram. A memória, em ato contínuo, vai do eu poético à professora sem que haja uma segmentação definitiva entre o *quê* se recorda e *quem* rememora: “... sólo se recuerda lo que los libros de biología enumeran las leyes de la herencia de Mendel y que entre microscopios, cajitas de Petri, la voz de Olmedo subía y bajaba para decirnos: yo recuerdo; ...”¹³ (Guerrero, 2024, p. 15).

A centralidade dada ao sonhar, decorrente da agência da célula sobre si mesma e o mundo, está vinculada à memória, pois “... el sueño de toda célula es devenir células” (Guerrero, 2024, p. 66), axioma que sintetiza o ensinamento da professora. Nesses termos, a reprodução e a continuidade estão implicadas nas recordações do eu poético, da professora e das células, que sonham.

Esse entremear de pontos de vista, discursos e experiências contradiz formas de organização do mundo fundadas na separação. Lemos: “La maestra Olmedo enseñaba ciencias y nos dio las bases de la taxonomía y un método para recolectar, resguardar y clasificar especies vegetales. También nos dijo que un árbol no es individuo sino que forman una red”¹⁴ (Guerrero, 2024, p. 16). Diante disso, entendemos ser válido considerar que a professora encarna em si mesma esse ensinamento: ela não é uma árvore, mas um conjunto delas –não olmo, mas Olmedo. A *maestra* é, assim, uma rede, marcada por uma individualidade parcial porque sempre em conexão. A atitude pedagógica, à maneira das células e sua bagagem genética, é também uma rede de transmissão a favor das continuidades.

Na avaliação que faz das diferentes correntes críticas incompatíveis entre si situadas na cena francesa dos anos de 1990, Bruno Latour (1991/2009) busca assinalar a insuficiência das linhas de compreensão do mundo que

¹³ Para fins de citação, optou-se por usar a edição chilena do livro de Maricela Guerrero. A escolha se justifica pela maior facilidade de referência a partir de volume impresso (o acesso à primeira edição da obra se deu por meio de formato digital disponível em kindle).

“Só se recorda daquilo que os livros de biologia enumeram as leis da hereditariedade de Mendel e que entre microscópios, placas de petri, a voz de Olmedo subia e baixava para nos dizer: eu lembro”. (Tradução da autora)

¹⁴ “A professora Olmedo ensinava ciências e nos deu as bases da taxonomia e um método para coletar, guardar e classificar espécies vegetais. Também nos disse que uma árvore não é indivíduo mas formam uma rede”. (Tradução da autora)

Na edição mexicana de 2018, se lê: “También nos dijo que un árbol no es individuo sino que junto con otros forman una red” (También nos disse que uma árvore não é um indivíduo e sim que junto com outros formam uma rede). (Tradução da autora)

isolam o objeto, o social e o discurso, atreladas que estão a um processo disciplinar caracterizado por formas de purificação. No ensaio publicado originalmente em 1991, na contramão desse tipo de separação, Latour propõe a existência de redes que “... são ao mesmo tempo reais como a natureza, narradas como o discurso, coletivas como a sociedade” (Latour, 1991/2009, p. 12). O pensador francês observa que “ser moderno” significou a constituição de tecidos não inteiriços que impedem a continuidade das análises e retiram a ciência da sociedade e do discurso. A pergunta que o autor se faz, então, é como proceder diante de um mundo atravessado por redes socio-técnicas, quando a crítica opera por purificação. A assimetria de zonas ontológicas modernamente estabelecidas leva a considerar que “O obscurantismo das idades passadas, que misturavam indevidamente necessidades sociais e realidade natural, foi substituído por uma aurora luminosa que separava claramente os encadeamentos naturais e a fantasia dos homens” (Latour, 1991/2009, p. 40). Essa separação pretendida pela purificação encerra uma contradição inerente ao moderno, visto que “Quanto menos os modernos se pensam misturados, mais se misturam. Quanto mais a ciência é absolutamente pura, mais se encontra intimamente ligada à construção da sociedade” (Latour, 1991/2009, p. 47). Existe, portanto, não uma realidade definitivamente compartimentalizada como se almejava, mas o não reconhecimento da proliferação de “redes” sob ações insistentes de purificação. A compreensão excludente que elimina o passado na percepção do tempo como processo de sucessão em que o anterior é superado pelo atual se alinha à separação entre humanos e não humanos na medida em que, num caso e no outro, temos expressões de uma constituição moderna que busca refutar continuidades, ainda que, a despeito do pretendido, estas não desapareçam de fato. Nesse sentido, “*A assimetria entre natureza e cultura torna-se então em assimetria entre passado e futuro*. O passado era a confusão entre as coisas e os homens; o futuro, aquilo que não os confundirá mais” (Latour, 1991/2009, p. 70) (grifo original do texto). Isso aponta para o percurso histórico das ciências modernas: “A distinção existente no século XVII torna-se uma separação no século XVIII, e depois uma contradição no século XIX” (Latour, 1991/2009, p. 57).

A reflexão de Latour permite considerar como redes convivem com processos de separação fundantes do colonialismo moderno. Diante disso, a continuidade como procedimento se apresenta como insurgência

epistêmica tanto quanto como forma de afirmação de uma realidade reticular que envolve processos espaço-temporais e simbólicos heterogêneos, o que não se confunde à continuação (concebida como forma de contínuismo em contraponto à continuidade, esta última movimento dinâmico de conexão das diversidades) reduzida a artifício uniformizante e totalizante.

O reconhecimento, portanto, da colonialidade de procedimentos de desconexão, na experiência poética de Guerrero, exige a afirmação da linguagem como experiência do múltiplo: “La maestra Olmedo con su voz de subida y bajada nos llevó al lenguaje de humus de nitrógeno de nutrientes y de canción de cuna bajo los lentes del microscópio”¹⁵ (Guerrero, 2024, p. 16). A professora aparece, nesse sentido, como a encarnação de um aprendizado primordial, abrindo as portas para um mundo feito de linguagens e comunicação, de modo que a taxonomia possa ser considerada como forma de organização entre outras, destituída de um pretenso caráter totalizante e único.

Por outro lado, contradições decorrentes de temporalidades, espacialidades e subjetividades heterogêneas estão presentes nas relações entre a experimentação poética de Guerrero e as práticas do século XVII. No prefácio de *As palavras e as coisas*, livro de 1966, Michel Foucault coloca em discussão a equivalência entre distinguir e separar como parte da busca por uma ordem que não se deixe contagiar pelo fabuloso. A recuperação de Jorge Luís Borges permitirá a Foucault discutir que a “enciclopédia chinesa” do escritor argentino apresenta uma impossibilidade que não está no caráter fantasioso dos seres apresentados, mas na sua justaposição a seres que reconhecemos como reais e na dificuldade de identificar critérios capazes de dar coerência ao conjunto. Declara o filósofo que, no texto de Borges, os seres se justapõem “no não-lugar da linguagem” e incomoda a suspeita de que pior que a desordem do incongruente é aquela instituída por fragmentos que abrigam “um grande número de ordens possíveis na dimensão sem lei nem geometria do heteróclito” (Foucault, 1966/2000, p. XII). Se há, contudo, uma ordem possível na coleção de Borges, ainda segundo Foucault, ela seria dada por recursos como a enumeração e a sequenciação das letras do alfabeto; ou seja, a ordenação encontra-se no procedimento linguístico *per si*.

¹⁵ “A professora Olmedo com sua voz de subida e descido nos conduziu à linguagem de humus de nitrogênio de nutrientes e de canção de ninar sob as lentes do microscópio”. (Tradução da autora)

Preocupado em discutir as discontinuidades epistêmicas da cultura ocidental na passagem do século XVIII para o XIX, o pensador francês defende que um sistema de classificação à maneira de uma gramática cedeu lugar a concepções mais orgânicas e históricas da natureza. Ao abordar as mudanças em curso desde o século XVI na Europa, Foucault entende que, no Quinhentos, a linguagem também era uma “coisa da natureza”, esta última vista como “um tecido ininterrupto de palavras e de marcas, de narrativas e de marcas, de narrativas e de caracteres, de discursos e de formas” (Foucault, 1966/2000, p. 55). O conhecimento quinhentista, portanto, se baseava na continuidade da trama formada por palavras e coisas, o que vai mudar no século XVII, quando a lógica da representação implicará a dissolução da interdependência entre linguagem e mundo, de modo que o parentesco entre as coisas e a linguagem se rompe. A partir de então, o louco seria aquele que não vê as diferenças, apenas reconhece as semelhanças, enquanto o poeta reencontra parentescos não evidentes (Foucault, 1966/2000, p. 67). A questão deixa de ser a identificação do semelhante para ser o reconhecimento da diferença, pois conhecer passa a ser o mesmo que discernir.

A ênfase em contiguidades vai na contramão do sistema de diferenciação da história natural do século XVII e das práticas de purificação disciplinar subjacentes à constituição da botânica, exatamente porque reabilita a rede semântica que comporta observação, documento e fábula. Há, nesse sentido, uma evocação de práticas que foram desqualificadas e, de acordo com as quais, fazer a história de uma planta envolvia: descrever órgãos, indicar semelhanças e virtudes, relatar lendas e histórias, mostrar brasões, indicar medicamentos que podem gerar e alimentos que fornecem etc. (Foucault, 1966/2000, p. 177). O quadro estabelecido por Foucault ajuda a compreender como a construção de contiguidades por e na poesia, no livro de Mariela Guerrero, vai ao encontro do que Joanna Page (2023) identificou, no campo da arte latino-americana contemporânea, como uma reelaboração de visualidades barrocas em que a natureza é caracterizada a partir de uma outra ordem de representação: “It is perhaps surprising that many recent art projects have found a source of inspiration rather than a target of critique in the texts and images created by Spanish and Portuguese missionaries and explorers in the early colonial período”¹⁶ (Page, 2023, p. 5). E acrescenta

¹⁶ “Talvez seja surpreendente que muitos projetos artísticos recentes tenham encontrado uma fonte de inspiração, em vez de um alvo de crítica, nos textos e imagens criados por missionários e exploradores espanhóis e portugueses no início do período colonial”. (Tradução da autora)

Page que a principal aspiração desses artistas seria “returning to previous methods of classifying and displaying nature, however, are to question the notion of a universal science and to diversify and pluralize epistemologies beyond the narrow strictures that have characterized modern Western science since the Enlightenment”¹⁷ (Page, 2023, p. 9).

Experiência da poesia contemporânea latino-americana que coloca em cena práticas abandonadas pelas ciências modernas, ainda que por meios e com finalidades distintos àqueles observados na poesia de Maricela Guerrero, também está exemplificada em *Pequena enciclopédia de seres comuns* (2021), em que a escritora brasileira Maria Esther Maciel recupera como princípio organizativo e escritural a exposição de espécies segundo a história natural, montando uma galeria de animais e vegetais¹⁸. Na proposta da poeta, em meio à descontinuação inerente ao modelo de exposição enciclopédico, alinhado a formatos assentados no isolamento de espécimes e na classificação, as contiguidades são estabelecidas pela escrita de experiências cotidianas, memórias, saberes e práticas. Se isso não necessariamente significa restaurar um modelo de pensamento vigente no passado europeu, representa a possibilidade de embaralhar a noção evolutiva que situa o anterior como superado, em uma perspectiva sequencial e inequívoca do tempo, além de expor a heterogeneidade das propostas de interpretação do mundo, no contexto mesmo do desenvolvimento histórico do que veio a se tornar o pensamento hegemônico do Ocidente moderno. Experiências como a de Maria Esther Maciel, no Brasil, dialogam com a de Maricela Guerrero, no México, não porque sejam idênticas, mas porque exploram as potencialidades do literário quando o dizer e o conhecer são entendidos como operações confluentes da linguagem. Nesse contexto, merece atenção o posfácio da edição chilena de *El sueño de toda célula* escrito por Da-

¹⁷ “Retornar aos métodos anteriores de classificação e exibição da natureza, no entanto, é questionar a noção de uma ciência universal e diversificar e pluralizar epistemologias para além dos estreitos limites que têm caracterizado a ciência ocidental moderna desde o Iluminismo”. (Tradução da autora)

¹⁸ Existem diversos exemplos de poemas e obras que vêm, no âmbito da poesia brasileira recente, explorando aspectos da história natural, sem mencionar os que abordam jardins botânicos (como *Jardim Botânico*, de Nuno Ramos, de 2023) e gabinetes de curiosidade (*Gabinete de curiosidades*, de Lu Menezes e Augusto Massi, de 2016). Em um recorte parcial e bastante incompleto de uma produção poética brasileira relacionada à história natural como linguagem, episteme e prática, destacamos os poemas “História Anti-natural” e “Caderno de Linneu” publicados no livro *Sociedade Lira Eletrônica Black Maria* (2002), de Edimilson de Almeida Pereira; “História natural dos polvos” e “Outra história natural” do livro *Lição da matéria* (2020), de Daniel Arielli; e experiências como *Passo os meses na biblioteca do CCBB lendo livros de história natural* (2019), de Bruno Domingues Machado.

niela Céspedes, em especial quando a artista e ativista observa que “En el caso específico de la biología celular, la definición de ‘célula’ provino de un esfuerzo por localizar y centralizar un fenómeno relacional en la geometría de un objeto aislado” (Céspedes, 2024, p. 92). Diante disso, entende ser necessário perguntar “qué geometrías relacionales se crearían si el ‘mundo celular’ se hubiese conocido a través de aparatos técnicos sinestésicos, donde nuestros ojos no sean el vértice de un punto de vista que congela el tiempo y el movimiento”¹⁹ (Céspedes, 2024, p. 92). O divisar/distinguir/discernir, patente na qualidade visual de um conhecimento fundado no isolamento e na desconexão, leva Céspedes a imaginar como seria o conhecimento derivado de uma experiência não oculocêntrica.

Essas questões movem *El sueño de toda célula*, de muitos modos.

Classificar e cuidar

No livro de Guerrero, o eu poético nos confronta com as dimensões assumidas pelo sobrenome Olmedo: “los apellidos / con nombres de árboles son ancestrales / igual que los de los oficios y los patronímicos:”²⁰ (Guerrero, 2024, p. 17). Há uma longa história do uso de árvores como sobrenomes, como a que relata, por exemplo, Keith Thomas (1983/2010), ao abordar mudanças de comportamento da sociedade inglesa entre os séculos XVII e XVIII. A analogia da estrutura arbórea (raiz, tronco, ramos e frutos) com a organização familiar tem se baseado na transferência de atributos, como solidez, antiguidade e resistência. Também o antropólogo Tim Ingold (2007/2022) vai explorar a correlação entre árvores e genealogias familiares, com a consequente determinação de relações de parentesco e linhagens. Como parte de um conjunto diverso de metáforas decorrentes desse tipo de incorporação simbólica da árvore, tornam-se comuns nomes como Olmedo. O contexto botânico do livro de Guerrero, porém, clarifica os desdobramentos de sentido e desnaturaliza a conexão entre estruturas familiares e árvores: “Rastrear

¹⁹ “No caso específico da biologia celular, a definição de ‘célula’ adveio de um esforço para localizar e centralizar um fenômeno relacional na geometria de um objeto isolado”.

“... que geometrías relacionais seriam criadas se o ‘mundo celular’ houvesse sido conhecido através de aparatos técnicos sinestésicos, em que nossos olhos não fossem o vértice de um ponto de vista que congela o tempo e o movimento”. (Tradução da autora)

²⁰ “os sobrenomes / com nomes de árvores são ancestrais / igual aos dos ofícios e patronímicos”. (Tradução da autora)

apellidos es una forma útil de tender las redes que involucran a personas y otras personas, también podemos considerar que asumir un apellido es una de las formas más antiguas de clasificar”²¹ (Guerrero, 2024, p. 17).

Se classificar está intimamente associada à nomeação, no âmbito da poesia, esse é um processo polissêmico e plural. Para Foucault, o saber clássico se constituía sobre indivíduos empíricos a partir dos quais se estabelecia um “quadro contínuo, ordenado e universal de todas as diferenças possíveis” (Foucault, 1966/2000, p. 199), ao passo que, no século XVI, todo ser trazia uma marca que permitia que fosse identificado de maneira independente. Em *La Sicence Classique: Dictionnaire Critique XVI-XVIII Siècle* (1998), organizado por Michel Blay e Robert Halleux, no verbete *Classification*, Goulven Laurent observa que o termo classificação não pode ser encontrado em nenhuma das edições do *Dictionnaire de l'Académie* anteriores a 1735 e que a palavra “*classer*” aparece apenas em 1756 na pena de Théophile de Bordeu. Já a história de “*classifier*” não está totalmente esclarecida. O autor do verbete assinala ainda que os primeiros “classificadores” teriam sido os botânicos, o que leva à conclusão de que, para se estabelecer a história do termo, faz-se necessário recorrer aos escritos sobre plantas (Laurent, 1998, pp. 457-464).

Por outro lado, “classe” também aparece como verbete elaborado pelo naturalista francês Louis Daubenton e que integrou o volume dedicado às Ciências da Natureza da *Encyclopédie*, de Diderot e d’Alambert, cuja primeira edição data de 1765. No verbete, encontramos a seguinte definição:

Termo relativo a *reino* e *gênero*. Dividem-se ou subdividem-se os objetos abarcados pela História Natural, criam-se, por assim dizer, diversas coleções, designadas pelos nomes *reino*, *classe*, *gênero* e *espécie*, conforme as relações mais gerais ou mais particulares sob as quais são considerados. A distribuição mais geral dos objetos da História Natural, em três reinos, é estabelecida a partir das diferenças mais sensíveis que se encontram na natureza. Cada reino é dividido em numerosas partes, chamadas *classes*. (Daubenton, 1765/2015, p. 181)

²¹ “Rastrear sobrenomes é uma forma útil de estender as redes que envolvem pessoas e outras pessoas, também podemos considerar que assumir um apelido é uma das formas mais antigas de classificar”. (Tradução da autora)

“Classe”, por esse prisma, não deve ser considerada fora de processos de partição que permitam dispor a diversidade do mundo em enquadramentos claros. Já o sociólogo peruano Aníbal Quijano (2010) observa que a ideia de classe foi introduzida pelos estudos da natureza e que Linneu teria sido o primeiro a usar palavra²² (p. 96). Acrescenta ainda que os historiadores franceses do século XVIII foram pioneiros em separar em classes a população europeia, seguidos pelos saintsimonianos no início do XIX. Se a perspectiva de Linneu para a classificação das plantas foi aplicada às sociedades humanas, isso se deveu à compreensão de *classificar* como procedimento possível apenas diante da ocorrência de características constantes, o que leva a encarar as classes sociais “... como categorias já dadas na ‘sociedade’ como acontecia com as classes de plantas na ‘natureza’” (Quijano, 2010, p. 9).

Classificar aparece, quando se trata da episteme moderna ocidental, como operação indissociável de separar, distinguir, compartimentalizar: essas são, por sua vez, práticas de subtração subjacentes ao império (e à sua língua). Consequentemente, a recuperação ou a instituição de outras modalidades de classificação, que não as da subtração e segregação, representaria a possibilidade de seguir construindo tramas e conexões: “... historias y formas de clasificación que entonces no sabíamos cuánto nos harían falta para recuperar y crear nuevas redes que nos protegieran de las sustracciones”²³ (Guerrero, 2024, p. 17). A suspensão das redes por práticas de fracionamento e isolamento representa uma investida contra circuitos solidários, essenciais para a manutenção de diferentes modalidades de vida. Necessitamos, portanto, de formas de classificação que se configurem como tramas caracterizadas pelas conexões e pelo dinamismo dos processos inconclusos.

Sob esse prisma, uma vez que o sonho de toda célula é devir células, o movimento de continuidade que torna possível o tecido como construção inacabada pressupõe a memória como solo a partir do qual o porvir emerge na contramão do genérico, abstrato e homogeneizante. A poesia como construção de redes converge com as células, ao se apresentar como sonho que engendra e pressupõe o que virá a partir de uma experiência situada em que a linguagem se desenvolve na intimidade com o mundo. As células parecem,

²² Aníbal Quijano se baseia na obra de James Larson, *Reason and Experience: the Representation of Natural Order in the Work of Carl Von Linné* (1971).

²³ “histórias e formas de classificação que então não sabíamos o quanto nos fariam falta para recuperar e criar novas que nos protegessem das subtrações”. (Tradução da autora)

no texto de Maricela Guerrero (2024), relacionar as diversas formas de vida, matéria do comum compartilhado que impulsiona a vida e a sua reprodução.

As lições da professora, como canções de ninar, propõem procedimentos de cuidado: “anotar con cuidado”, na medida em que “cuando se trata de arrasar: / se olvidan los nombres” (Guerrero, 2024, p. 20)²⁴. A proteção que nomes podem oferecer está tanto na dimensão da experiência que a palavra oferece quanto na proximidade, conexão e elo que pode propiciar. Conhecer é aproximar-se, o que exige uma condição situada, na contramão de modelos generalizantes cuja abstração também é a garantia de impessoalização. Diante disso, somos como leitores/as confrontados/as à possibilidade da classificação como forma de cuidado: “... y en la lengua del imperio no se ha dicho suficiente que los métodos de clasificar y describir son hermosos en sus formas de cuidado”²⁵ e completa:

que los derribadores
no supieron cómo se germina una plántula
ni cómo si clasifica,

ni cómo el clavo envuelto en algodón
disminuye un dolor de muelas amistosamente²⁶

(Guerrero, 2024, p. 20)

Isolar uma forma de vida de toda rede física e simbólica em que se insere constitui estratégia colonial que fundamenta processos massivos de destruição. Por outro lado, anotar, observar, classificar e desenhar são, na poesia de Guerrero, práticas da intimidade e, enquanto tais, contrapõem-se à objetificação e à imposição de uma nomenclatura regulamentária para reinserir seres e coisas numa rede viva de significações. O exercício classificatório, nesses moldes, não se configura como estratégia de dominação que se vale de cerceamentos violentos, mas se apresenta como forma de aproximação apenas possível por meio da atenção concedida. Trata-se de notar a existência desses seres, preocupar-se e ocupar-se.

²⁴ “anotar com cuidado”; “quando se trata de destruir: / se esquecem dos nomes”. (Tradução da autora)

²⁵ “... e na língua do império não se disse o suficiente que os métodos de classificar e descrever são bonitos em suas formas de cuidado”. (Tradução da autora)

²⁶ “que os derrubadores / não souberam como se germina uma plântula / nem como se classifica, / nem como o cravo envolto no algodão / diminui uma dor de dente amistosamente”. (Tradução da autora)

Na proposta da poeta mexicana, para se alcançar uma prática da classificação como cuidado, é preciso assumir: a linguagem como constituinte de existências, cuja multiplicidade se opõe ao monolinguismo; e a condição situada, georreferenciada e localizada dos sujeitos. Disso dependem as redes comunicacionais que, dotadas de pluralidade, dinamismo e interconectabilidade, se diferenciam ao caráter monocrático e absolutizante da “língua do Império”. Esta última, cuja intolerância está patente na recusa ao dissenso e na classificação que encarcera e incomunica, aparece reatualizada: “La lengua del imperio de nuestros días está cifrada en estadísticas, en ríos de datos fluyendo por redes de energía y siliconas, sales: que acumulan reglas y multas y cárcel a los que van en contra del imperio ...”²⁷ (Guerrero, 2024, p. 49). A tecnologia de dados compartilha com a botânica a experiência linguística imperial, ao mesmo tempo que a noção de comunicabilidade e conexão inerentes ao exercício de uma linguagem múltipla dá ao processo literário um lugar importante nos modos de conceber e lidar com o mundo.

Assim, em *El sueño de toda célula*, a disposição em seções que emulam a organização do mundo em grandes reinos cede à porosidade que faz dos agrupamentos esferas intercomunicantes e não realidades exclusivas. A esse respeito, interessa considerar como, no poema que encerra a parte inicial do livro – “La forma de las hojas” (“A forma das folhas”) –, o convívio com as folhas, a atenção aos detalhes e o fazer criativo são atravessados pelo prazer:

[Un día nos puso a dibujar un catálogo de la forma de las hojas ... la forma de las hojas como una forma de recuperarnos. De resistir al miedo a las sustracciones y la pérdida de los grandes depredadores: dibujar hojas y árboles es respirar: gustamos.]²⁸
por su borde:

liso, dentado o lobulado.²⁹

(Guerrero, 2024, p. 22)

²⁷ “A língua do império dos dias atuais está cifrada em estatísticas, em rios de dados fluindo por redes de energia e silicone, sais: que acumulam regras e multas e prisão para aqueles que se colocam contra o império...” (Tradução da autora)

²⁸ Os colchetes pertencem ao texto original.

²⁹ “[um dia nos colocou para desenhar um catálogo da forma das folhas ... a forma das folhas como uma forma de nos recuperarmos. De resistir ao medo das subtrações e da perda dos grandes predadores: desenhar folhas e árvores é respirar: apreciamos.] / por sua borda: / lisa, dentada ou lobulada”. (Tradução da autora)

Ressalta-se o poder de recuperação que oferecem práticas de intimidade com a natureza vegetal, ao mesmo tempo que se introduz o “*Reino Plantae*” com seu elenco de espécies e estruturas vegetais: “Dátiles”; “¿El abedul y el abeto?”; “*Aloe Barbadensis Miller*”; “Sábila”; “*Mentha spicata*” e “Yerba buena”. A transição entre as seções se dá pela experiência com as plantas e pela catalogação inerente ao herbário. Com “Dátiles” (“Tâmaras”), a circulação mundial de espécimes apresenta-se como parte de um comércio de corpos tornado possível pela desvinculação entre seres e territórios. Ao corte e ao sequestro contrapõe-se, porém, a cumplicidade:

[estamos juntos y abrazamos el miedo, nos colgamos de las ubres
de una loba que nos alimenta y nos serena:
nos echa a su lomo y respiramos:]³⁰

Dátiles hervidos en leche limpian las vías respiratorias.
Dátiles llevados a la boca de los amantes son afrodisíacos.
Dátiles para resistir
en Canarias
África y Extremo Oriente
y en el baldío de al lado:

(Guerrero, 2024, p. 28) ³¹

No poema, recursos como o uso dos dois pontos no último verso impedem o texto de fechar-se em si mesmo como realidade conclusa, favorecendo a experiência de fluxos e refluxos característicos de processos vitais como a respiração e a secreção de fluidos como o leite. O deslizamento de temas e os procedimentos formais que recriam literariamente o fluir da matéria viva são reforçados pelo ressoar e ecoar de unidades que se abrem a outras em uma cadeia transmissora. O caráter pervasivo do som está expresso no poema “Sonoridades”, com que se inicia o “Reino *Linguae*”:

³⁰ Os colchetes pertencem ao texto original.

³¹ “[estamos juntos e abraçamos o medo, nos penduramos nas tetas / de uma loba que nos alimenta e nos acalma: / nos arremessa ao seu lombo e respiramos:] / Tâmaras fervidas com leite limpam as vias respiratórias. / Tâmaras levadas à boca dos amantes são afrodisíacas. / Tâmaras para resistir / nas Canárias / África e Extremo oriente / e em terreno baldio ao lado.”. (Tradução da autora)

Hay ronroneos, bufidos que claman:
Llueve más de lo que esperábamos y la tierra ruge:
un acto de restauración:
soñamos devenir y clorofila:
recuperación:
aliento:
lluvia:
sobre las plantas y los árboles en el baldío de al lado:

(Guerrero, 2024, p. 59)³²

O movimento ritmado da vida está nos sons emitidos pelos seres –o ronronar e o bufar–; na respiração –o alento–; no rugido da terra e no cair da água da chuva. Um ritmo incorporado à constituição da obra que se organiza em fluxos/refluxos. Em “Sonoridades”, retornamos ao “baldío”, referência que não apenas vincula esse poema a outros, mas também restaura a inserção territorial na linguagem humana e de seres e coisas do mundo:

En oxígeno, en enredadera, en aire, en lobo: hay un lenguaje de biomoléculas y enzimas afuera y adentro: respiraciones conjuntas y sueños de células que devienen células:

Células, siempre se trata de células: de respiración, intercambios, reproducción y diferenciación. (Guerrero, 2024, p. 51)³³

Ao envolver diferentes escalas e realidades em relação de troca, a enumeração que vai do elemento químico oxigênio ao lobo se soma ao efeito de projeção alcançado pelo uso dos dois pontos. Por esse viés, o exercício da escrita, em *El sueño de toda célula*, se caracteriza por insistentes processos de derivação de um elemento em outro estabelecendo um *continuum* semelhante ao que se observa na respiração, na reprodução e na digestão. Também a aproximação entre vocábulos por meio da similitude fonética, como no título de um poema – “El abedul y el abeto?” (“A bétula e o abeto?”),

³² “Há o ronronar, o bufar que clama: / chove mais do que esperávamos e a terra ruge: / um ato de restauração: / sonhamos devir e clorofila: / recuperação: / alento: / chuva: / sobre as plantas e as árvores do baldio ao lado.”. (Tradução da autora)

³³ “No oxigênio, na trepadeira, no ar, no lobo: há uma linguagem de biomoléculas em cima fora e dentro: respirações conjuntas e sonhos de células que devêm células: / Células, sempre se trata de células: de respiração, trocas, reprodução e diferenciação”. (Tradução da autora)

representa modo de explorar a materialidade da palavra a fim de expor redes comunicacionais não óbvias: “Resulta que el abedul y el abeto no sólo se hablaban en el idioma del carbono sino en nitrógeno y fósforo y agua y en signos defensivos, en alelos químicos y hormonas a través de redes de hongos diminutos y bacterias.”³⁴ (Guerrero, 2024, p. 31). Nesse caso, a semelhança sonora é índice da partilha de substâncias entre as duas espécies. A formulação de uma pergunta no título do poema gera uma expectativa que o próprio enunciado contradiz, pois em vez do “ou”, cujo valor de alternância condiz com a estrutura interrogativa, nos deparamos com “e”, o que coloca sob suspeição a escolha como procedimento de eliminação. No poema, se há algo a se indagar não é sobre qual espécie se deve descartar, mas sobre como duas espécies distintas se relacionam.

Na obra, nos confrontamos com uma estarrecedora quantidade de códigos que, embora incluam frases, palavras, letras e siglas, não se encontram limitados à língua alfabética. Na verdade, pressupõem múltiplas formas de comunicação das quais participam átomos, moléculas, substâncias, seres. No multilinguismo imaginado, há uma imprevisibilidade incômoda ao império, afinal, para os fluxos vivos, é preciso “... dejar ventanas abiertas ...” (... deixar janelas abertas...) (Guerrero, 2024, p. 31).

De fato, a continuidade como abertura resulta da formação de cadeias enumerativas cuja extensão nos faz conjecturar sobre a indeterminação do seu alcance. Isso se observa, por exemplo, na recorrência de polissíndetos e no uso ostensivo dos dois pontos. Com a finalidade de atualizar linguisticamente uma rede de transmissão, a sequenciação é associada a construções abertas e incompletas que podem tanto se aproximar da prosa quanto produzir quebras, algumas vezes drásticas, como no poema “Partidas”:

Decir
no es suficiente:
es preciso respirar:
mensajes de humus y nitrógeno y aminoácidos y alegría

de qué manera: azar:

(Guerrero, 2024, p. 77)³⁵

³⁴ “Acontece que a bétula e o abeto não apenas se falavam no idioma do carbono mas também em nitrogênio e fósforo e água e em signos defensivos, em alelos químicos e hormônios através de redes de fungos diminutos e bactérias”. (Tradução da autora)

³⁵ “Dizer / não é suficiente: / é preciso respirar: / mensagens de humus e nitrogênio e aminoácidos e alegria / de que maneira: azar:”. (Tradução da autora)

Se a criação de redes aparece como aspecto crucial em *El sueño de toda célula*, distintos recursos como letras minúsculas, períodos longos, vírgulas e pontos e vírgula podem ter efeito gregário, embora isso se realize de diferentes modos quando se trata de um discurso encadeado ou de estruturas mais fragmentadas. A quebra, é bom lembrar, aponta para a realidade da língua num contexto em que as amostras (isto é, tudo o que foi coletado) devem falar, o que só é possível quando se resiste aos graus comparativos, pautados em competições e hierarquias, e às desinências, em sua função de produzir excessos. Comparar e exceder são propriedades da língua do império cuja incomunicação se alimenta da lógica da superioridade e dominação. Em “*Citius Altius Fortius*”, poema da seção “Lobos: lecciones del cuidado” (“Lobos: lições do cuidado”), o lema olímpico “Mais rápido, mais alto, mais forte” constitui expressão máxima de um modelo fundado na valorização da concorrência em detrimento da cooperação: “Que la lengua imperial con su grado comparativo con sus desinencias desató una carrera por la incomunicación aunque diga lo contrario...”³⁶ (Guerrero, 2024, p. 44).

Para enfrentar o regime “incomunicacional” do império, a poeta propõe a investigação da linguagem *na* e *das* materialidades, ou seja, entende o mundo como dotado de linguagem própria e diversa. Logo, para expandir aprendizados iniciais, sobretudo os da infância, é preciso seguir escutando/sentindo/sonhando/lendo o que existe e diz. Aqui se dá uma mudança de perspectiva caracterizada pela adoção de uma atitude não substitutiva, isto é, que não visa a silenciar outros pontos de vista, mas aproximar-se da língua da matéria em aceno à multiplicidade de formas coexistentes.

A convivência entre expressões vernáculas com que se reconhecem espécies e nomes científicos contradiz, portanto, a normativa imperial que desqualifica e elimina existências e saberes. A isso se aliam: a força enunciativa das materialidades; a busca por composições enumerativas e desdobráveis; a afirmação de um *Reino linguae* que atravessa tantos reinos quanto se possa propor; a multiplicação em resposta à subtração, esta última entendida como princípio operativo colonial. A escrita de Maricela Guerrero expõe e explora a experiência literária, não apenas ao situá-la em relação ao conhecimento biológico, mas principalmente ao apresentá-la como parte dos modos de conhecer/conviver. A dimensão epistêmica e

³⁶ “Que a língua imperial com seu grau comparativo com suas desinências deflagrou uma corrida pela incomunicação ainda que diga o contrário ...”. (Tradução da autora)

ética da poesia reside, em parte, na sua capacidade de lidar com instâncias comunicativas que envolvem a interface linguagem/matéria. Sem isso, a classificação como cuidado seria improvável.

Quando se entende o estudo da natureza e o modelo classificatório de base iluminista como engrenagens do colonialismo, ganha força o aspecto anticolonial do exercício das redes, inclusive em termos linguísticos. Especialmente se considerarmos que também as estruturas poéticas foram submetidas a processos classificatórios cujo efeito segregador desempenha função importante na configuração de quadros valorativos. No caso do livro de Guerrero, a classificação como procedimento da crítica e da teoria literária, em certa medida, também é submetida a uma revisão que demanda posicionamentos mais atentos à complexidade da linguagem e à instabilidade das categorias discursivas (em especial, as que nos parecem perfeitamente consolidadas). O cuidado diante do texto literário não difere muito daquele que as plantas podem inspirar, uma vez que resulta da recusa ao silenciamento dos modelos impositivos, das abstrações generalizantes e das fronteiras que se querem intransponíveis.

Referencias

- Baber, Z. (2016). The plants of empire: Botanic gardens, colonial power and botanical knowledge. *Journal of Contemporary Asia*, 46(4), 659-679. <https://doi.org/10.1080/00472336.2016.1185796>
- Céspedes, D. (2024). La vida fuera de la unidad. En M. Guerrero, *El sueño de toda célula* (pp. 89-98). Agnición.
- Daubenton, B. (2015). Classe (História Natural). En D. Diderot y J. D'Alembert (eds.), *Enciclopédia: Ciências da Natureza* (Vol. 3, pp. 181-182). Editora Unesp. (Publicação original de 1765).
- Foucault, M. (2000). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (Trad. S. T. Muchail). Martins Fontes. (Publicação original de 1966).
- Guerrero, M. (2018). *El sueño de toda célula*. Antílope.
- Guerrero, M. (2024). *El sueño de toda célula*. Agnición.
- Hoquet, T. (2014). Biologización de la raza y racialización del ser humano: Bennier, Buffon, Linneo. En Bencel, N., Thomas, David y Thomas, Dominic (Eds.) *La invención de la raza* (pp. 17-32). Routledge.
- Ingold, T. (2022). *Linhas: uma breve história* (Trad. L. Bernardes). Vozes. (Publicação original de 2007).
- Koerner, L. (1999). *Linnaeus: Nature and nation*. Harvard University Press.
- Latour, B. (2009). *Jamais fomos modernos* (Trad. C. I. da Costa). Editora 34. (Publicação original de 1991).

- Laurent, G. (1998). Classification. En M. Blay, R. Halleux (eds.), *La science classique: Dictionnaire critique XVI-XVIII siècle* (pp. 457-464). Éditions Flammarion.
- Linnaeus, C. (2003). *Linnaeus' Philosophia Botanica* (Trad. Stephen Freer). Oxford University Press. (Publicação original de 1751).
- Machado, B. D. (2019). *Passo os meses na biblioteca do CCBB lendo livros de história natural*. Patuá.
- Maciel, M. E. (2021). *Pequena enciclopédia de seres comuns*. Todavía.
- Menezes, Lu; Massi, A. (2016). *Gabinete de curiosidades*. Landmark.
- Nieto, M. (s.d.). *Historia Natural e Política*. Banco de la República-Colombia. <https://www.banrepcultural.org/historia-natural-politica/hnp-intro.html>
- Page, J. (2023). *Decolonial ecologies: The reinvention of natural history in Latin American art*. Open Book Publishers. <https://doi.org/10.11647/OBP.0339>
- Pereira, E. de A. (2002). Sociedade Lira Eletrônica Black Maria. En *Zeosório Blues: obra poética 1*. Mazza.
- Pereira, E. de A. (2003). Verde visto do alto. En *As coisas arcas – obra poética 4*. Funalfa Edições.
- Quijano, A. (2010). Colonialidade do poder e classificação social. En B. de S. Santos y M. P. Menezes (eds.), *Epistemologias do Sul* (pp. 84-130). Cortez.
- Ramos, Nuno. (2023). *Jardim Botânico*. Todavía.
- Schiebinger, L. (2007). *Plants and empire: Colonial bioprospecting in the Atlantic world*. Harvard University Press.
- Thomas, K. (2010). *O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)*. (Trad. J. R. Martins Filho). Companhia das Letras. (Publicação original de 1983).